

---

# UM ENFOQUE SOBRE OS PAITEREY SURUÍ E SUA TERRITORIALIDADE<sup>1</sup>

## A FOCUS ON THE PAITEREY SURUÍ AND THEIR TERRITORIALITY

Gasodá Wawaeitxapôh Suruí<sup>2</sup>  
Adnilson de Almeida Silva<sup>3</sup>

---

**RESUMO:** A descoberta e assimilação dos conhecimentos de um povo por outro é importante ferramenta para permitir o diálogo entre os mesmos. A união de conhecimentos distintos contribuiu para o fortalecimento da luta pelo reconhecimento e valorização da sabedoria ancestral de um povo, tanto como expressão cultural quanto como seu reconhecimento pela comunidade científica. O presente artigo se propõe metodologicamente a discutir a trajetória do povo Paiterey Suruí, a sua compreensão sobre territorialidade e o aspecto ancestral intrínseco a mesma, e inicia-se a partir da perspectiva das experiências e vivências desse povo e com esse povo.

**Palavras-chave:** Amazônia. Paiter Suruí. Territorialidade. Vivências e experiências.

**ABSTRACT:** Understanding and assimilating the another people's traditional knowledge is an important tool to allow the dialogue between them. The union of different knowledge has contributed to the strengthening of the struggle for the recognition and appreciation of the ancestral wisdom of a people, both as a cultural expression and as a recognition by the scientific community. The present article proposes methodologically to discuss the trajectory of the Paiterey Suruí people, their understanding of territoriality and its intrinsic ancestral aspect, starting from the perspective of their experiences and the experiences with that people.

**Keywords:** Amazon. Paiterey Suruí People. Territoriality. Ways of life and experiences.

---

1 Apoio: Programa de Apoio à Pesquisa – PAP – Universal Chamada FAPERO Nº. 003/2015 – Projeto: Espaço, cultura, representações amazônicas e seus marcadores territoriais do Corredor Etnoambiental Tupi Mondé em Rondônia.

2 Indígena Paiter Suruí. Mestre e Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Rondônia - PGG/UNIR em Geografia – PPGG/UNIR. Pesquisador do Grupo de Pesquisa Geografia, Natureza e Territorialidades Humanas (GENTEH). E-mail: gasodasurui@hotmail.com.

3 Docente no Departamento de Geografia e no PPGG/UNIR. Pesquisador do GENTEH/UNIR. E-mail: adnilson@unir.br.

Agradecimentos pela revisão de tradução: Charlot JN Charles (francês) e Jaqueline Sousa de Araújo (inglês).

Artigo recebido em março de 2019 e aceito para publicação em abril de 2019.

## **CONSIDERAÇÕES PRIMEIRAS**

O trabalho é fundamentado nas discussões contidas na dissertação de Mestrado em Geografia intitulada “Paiterey Karah: a terra onde os Paiterey se organizam e realizam a gestão coletiva do seu território”, cujo propósito foi o de realizar uma abordagem sobre a importância da gestão coletiva da Terra Indígena Sete de Setembro – autodenominada Terra Indígena Paiterey Karah - para proteção do território e valorização e preservação da cultura Paiter.

No presente artigo foi realizada a revisão textual com várias alterações, cujo objetivo principal consiste na discussão sobre a trajetória dos Paiterey, o que implica em sua compreensão sobre territorialidade e o aspecto da ancestralidade, e fundamenta-se nas experiências, vivências e perspectivas desse povo e sua relação com a sociedade envolvente. Ressaltamos que trata-se de um fragmento de discussão, vez que a trajetória geográfica, histórica e antropológica apresenta-se complexa, cuja temporalidade é ancestral e imemorial.

Ao trabalharmos com as questões indígenas emergem situações que fogem aos aspectos metodológicos. Poder-se-ia contextualizar de forma mais aproximada com uma abordagem interdisciplinar, no entanto, optamos pela metodologia da observação-participante indicada por Goffman (2012), em que os pesquisadores adequam-se à captura das informações conforme suas percepções, além da interação por meio do contato direto da realização das atividades, o que alia-se ao aprofundamento e a aproximação entre os atores sociais da pesquisa. Uma interação potencial ao diálogo mais eficaz e direcionado às problemáticas locais, uma vez que esses atores vivenciam as realidades e podem expor outras perspectivas e argumentos sobre as mesmas.

É imperativo situar que o autor é indígena e carrega consigo a bagagem de etnoconhecimentos como povo originário, enquanto o co-autor desenvolve trabalhos há pelo menos duas décadas com essas populações. O artigo apresenta sessões específicas que abordam conceitos gerais de território e territorialidade; as percepções, significados e representações que os Paiterey operacionalizam sobre esses dois conceitos; sua trajetória histórica e elementos/fenômenos que concretizam o território desse povo.

## **PRÉVIA DISCUSSÃO ACERCA DO TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADE**

Ao tratarmos dos conceitos de território e territorialidade, esses parecem vagos ou incompletos ao relacionarmos aos povos originários, visto que suas referências dizem respeito à terra como centro de preocupação da vida, as quais se conectam com elementos e fenômenos materiais e imateriais (dentre eles, a cosmogonia e a espiritualidade)

No entanto, entendemos a necessidade de apropriarmos desses conceitos, ainda que estruturados pela academia, como condição para o debate inicial. Neste sentido, ancoramos inicialmente nas discussões de Raffestin (1993, p.143) que considera que a compreensão sobre o espaço é anterior ao território. Para esse autor, o território se concretiza a partir do espaço, e é resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator “territorializa” o espaço.

No nosso entender, na mesma direção aponta Lefebvre (1978, p.259) apud Raffestin (1993), ao destacar o mecanismo de transposição do espaço para território ao inferir que a produção de um espaço em território nacional se operacionaliza com o espaço físico que sofre interferências de estruturas, as quais se transformam em redes, concretizam-se em circuitos e fluxos, e em seu conjunto possibilitam uma série de arranjos – e esses interferem na vida de seus habitantes. Trata-se de um espaço com características, no que se dá a realização de poderes. Sob tal perspectiva, o território se realiza como espaço onde

são projetados trabalho, que se dá pela força da transformação (energia) e pela informação. Assim, o espaço é considerado como a “prisão original”, por sua vez o território constitui-se na prisão que os homens constroem para si.

Em relação à territorialidade, esta é tomada de outras áreas do conhecimento científico, notadamente da Biologia, cuja definição foi dada em 1920 pelo ornitólogo inglês H. E. Howard e reaplicada por Raffestin (1993), como “a conduta característica adotada por um organismo para tomar posse de um território e defendê-lo contra os membros de sua própria espécie”.

Neste sentido, Raffestin (1993, p.160) amplia a discussão ao propor que a territorialidade pode se caracterizar como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo, cujo ápice de autonomia é possível, desde que seja compatível com os recursos do sistema. Sob tal proposição, a territorialidade perpassa a relação homem-território, com isso se consolida para além da demarcação de parcelas individuais, visto que ocorre a relação social entre os seres humanos.

Na concepção raffestiniana as sociedades se satisfazem, se realizam, num determinado momento, para um local, uma carga demográfica e um conjunto de instrumentos também determinados, em conformidade com suas necessidades em energia e em informação e objetiva atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos do sistema. Para o autor, a dinâmica dos fatores envolvidos na relação, seria possível a classificação de vários tipos de territorialidade, desde as mais estáveis às mais instáveis.

Outras abordagens e possibilidades sobre território e territorialidades são plenas de serem discutidas à luz de outras teorias que caracterizam não somente como projeções de poder, mas permitem a análise a partir de símbolos, significados, representações e subjetividades, de modo que tratam-se de outras leituras e epistemologias de uma realidade posta.

A análise e perspectiva sobre território e territorialidade incluem-se nessas outras abordagens, cientes que a terra, no nosso entendimento, seja a mais adequada nesse caso, em razão da pregnância simbólica, da carga imaterial e material que compõe o universo dos povos indígenas ou originários. Mediante tal consideração, podemos ter uma compreensão mais depurada de como constroem, vivenciam e pensam esses povos, para tanto, alertamos que trata-se de abordagem de uma etnia, a qual possui valores cosmogônicos, espirituais, culturais, sociais e políticos que se distinguem de outras em decorrência da relação que estabelecem com o meio onde vivem.

Neste sentido, a territorialidade e o território são plenos em representações simbólicas evidenciadas pelas experiências vividas em cada etnia, de modo que se concretiza na afinidade entre o material e o simbólico, em decorrência das “coisas do mundo, que existem no mundo como aparente, como fenômeno, como elas se apresentam” (CASSIRER, 1994, p.81-96). Essas coisas são ancoradas em significados interpretados pelos seres humanos e empregadas para determinados fins, os quais são necessárias às ações humanas.

Os Paiterey possuem e participam de valores e representações simbólicas, suas coletividades se organizam em metades exogâmicas, em que uma representa a mata e a outra o roçado, ou roça. Assim, a agricultura, caçada, pescaria e outras obrigações e deveres, é explicada pela relação de parentesco, esta que regula a organização social, política, cultural, espiritual e territorial. Essa relação de vivências experiências entre o coletivo pode ser explicitada, como afirma Dardel (2011, p.XII), como uma:

[...] geograficidade, a qual expressa a própria essência geográfica do ser-e-estarno-mundo. Enquanto base da existência, a associação entre geograficidade, lugar e paisagem tem sido fértil, permitindo uma compreensão fenomenológica da experiência geográfica.

A partir dessas constatações com base fenomenológicas, passamos a compreender o território e a territorialidade Paiter não como um objeto, mas como uma construção cosmogônica, cuja apreensão do mundo ocorre pelos desígnios dos valores ancestrais e espirituais que o povo adquiriu em seu espaço de ação.

### **Território e Territorialidade Paiter**

Na compreensão indígena a territorialidade são todos elementos e fenômenos se apresentam como imprescindíveis ao processo de afirmação de sua identidade cultural e étnica. Em tal concepção, sentimentos e valores do construir, entender, vivenciar e olhar o mundo são compostos por símbolos, signos, significados e representações que permitem realizá-los enquanto povo originário. Com os Paiter não é muito diferente esse realizar.

Sob tal lógica, a territorialidade não avizinha-se somente no sentido de recuperar e valorizar as histórias da ocupação da terra por um determinado povo originário; a compreensão de elementos e fenômenos culturais e espirituais são pertinentes à vida humana, de modo que é oportuno que tenhamos conhecimento do que ela é e do que compõe e representa para melhor fazer o usufruto da territorialidade com mais envolvimento e responsabilidade, com isso visa buscar e garantir o futuro da terra indígena e das pessoas que habita nela.

A territorialidade e sua relação com a terra é espiritual (ALMEIDA SILVA et al, 2015), sacralizada, como afirma um ancião Paiter ao destacar a importância do território para seu povo, visto que sua compreensão tem o significado da necessidade e de seu fortalecimento para sobreviver e garantir as gerações vindouras o ambiente adequado para prosseguirem como povo. Assim, reporta-se em suas considerações e experiências adquiridas na vida e nos exemplos herdados de seus antecessores:

Para nós povo indígena Paiter Suruí a terra é de todos, porém cada família ou grupo clânico tem o seu local específico para caçar, pescar, coletar frutas e castanhas diferente um dos outros. Mas o que nós unimos como povo é a caçada coletiva, festas tradicionais coletivas, pescaria coletiva que fazemos ou realizamos para nós alimentar. Cada clã convida outro grupo a caçar, pescar e coletar frutas e castanhas para realizar festas e rituais sagrados. Um grupo não pode frequentar o local de caça, pesca e coletar frutas sem conhecimento do outro. Se isso acontecer pode haver desafios como vingança, ou seja: o grupo pode oferecer bebida ao grupo que invadiu o seu território. Assim cuidávamos no nosso território. Mas isso não significa que o território é dividido. Mas apenas uma questão de organização social e cultural que os Paiter usam para ocupar o espaço onde vivem. (Ubajara Suruí, ancião Paiter do clã Kaban), morador da aldeia Paiter Linha 09 - janeiro de 2018.

O relato descreve aspectos inerentes à territorialidade, de modo que compreende as marcas do território produzidos no território, com isso se inter-relaciona ao proposto em Almeida Silva (2010; 2015), ao versar sobre os aspectos dos “marcadores territoriais”, em que está se concretiza a partir dos símbolos e suas representações que ocorrem no espaço de ação, definem territorialidades vinculadas à cosmogonia e experiências sócio espaciais e possibilitam a formação das identidades culturais e do pertencimento identitário.

Ainda em relação ao mencionado por Ubajara Suruí percebe-se a existência de uma carga simbólica cujo propósito tem como princípio fortalecer social, espiritual e culturalmente o coletivo, vez que permite a materialização dos laços de parentesco e

reafirma marcas territoriais e sua conexão com a terra. Essa condição de atuação perpassa a expressão física, visto que incide na interação entre os seres humanos e o sobre-humano, conforme assegura Dardel (2011, p.48):

[...] a ligação do homem com a terra recebeu, na atmosfera espaço-temporal do mundo mágico-mítico, um sentido essencialmente qualitativo. A geografia é mais do que uma base ou elemento. Ela é um poder. Da terra vêm as forças que atacam ou protegem o homem, que determinam sua existência social e seu próprio comportamento, que se misturam com sua vida orgânica e psíquica, a tal ponto que é impossível separar o mundo exterior dos fatos propriamente humanos.

A territorialidade, assim como a espacialidade, é avaliada como o resultado das ações humanas que ocorrem no e sobre o espaço, visto que mostra a aproximação física e, sobretudo sentimentos e valores do construir, entender, socializar, vivenciar e olhar o mundo. Com isso, a territorialidade se compõe de símbolos, signos, significados e representações que possibilitam os seres humanos a se realizarem no mundo. Como exemplo desta afirmação, o relato de um dos anciões do povo Paiter Suruí é elucidativo ao descrever que como compreende o universo simbólico e material de sua etnia:

Eu vou falar na minha língua. Sobre o nosso território Paiterey Karah e da história do contato. Eu moro aqui neste lugar a qual dei o nome de Aldeia Central Linha 10, é um lugar que foi criado pelo Palob<sup>4</sup> a quem nos criou e também a esta floresta. Já moro aqui há um bom tempo. Esta região nasceram os meus avôs e os meus pais. Aqui meu pai viveu e foi onde ele me deixou. Por isso sei quem eu sou. Por isso moro neste lugar. Nesta floresta vivíamos andando e por isso outros índios nos encontravam e tentavam nos matar. Fugíamos e lá também encontrávamos outros inimigos e assim voltávamos para o lugar de onde já tínhamos fugido. E depois os seringueiros também chegaram e queriam nos matar. Nós fugíamos para o lugar de onde já tínhamos fugido antes. Assim viveram nossos ancestrais, aqui na floresta, e por isso vivo aqui nesta floresta até hoje. Sei como vivi aqui e tenho conhecimento profundo sobre a floresta. Por isso vivo defendendo o que o meu pai deixou para mim como herança. Porque sei que meu pai nasceu desta floresta. Por isso sei quem sou e que sou Paiter. Busco formas de me adaptar, mas com muito medo, porque estou cercado de yarah<sup>5</sup> por todos os lados, explorando esta floresta. Tentamos muito defender a floresta, os velhos defenderam muito a floresta, defenderam o seu habitat. Respeitavam uns aos outros, consultavam uns aos outros, planejando o futuro, o dia a dia. É por isso que tenho comigo os ensinamentos do meu tio. Ele me disse que eu tinha que ter amigos para viver em paz. Se eu fosse sozinho, tivesse só meu irmão, então não teria paz comigo: O que traz harmonia para nossa vida são os nossos familiares. Você deve agradecer seus cunhados, assim fazíamos com nossos cunhados”, assim ele me dizia. Ele dizia que, bem distante daqui o seu pai fora morto por outros índios e que da mesma forma que viveu comigo, ele viveu com meu pai depois que isso aconteceu com o pai dele. Assim ele me disse: “Eu não abandonei o seu pai e por isso eu vivia em paz”. Esse é o nosso costume, nossa forma de vida. Assim que o cunhado prepara yatir<sup>6</sup>, comunica a todos que no dia seguinte irá servir, dizendo: “Vou servir yatir amanhã para meu cunhado”. E por sua vez quem vai beber yatir também comunica a seus parentes, dizendo que no dia seguinte será embebedado pelo seu tio: “Meu tio está dizendo que vai servir yatir

para mim”. E assim todos se reuniam para a festa, assim era a nossa vida. Depois nos reuníamos para caçar e assim que tínhamos a caça, dávamos ao dono de yatir. E ali, próximo, nos reuníamos para nos alimentar de cará, milho. Assim fazíamos. Assim vivemos a vida, nós somos Paiter mesmo, meu pai é Paiter, minha mãe é Paiter. Assim, os clãs Kaban, Gãmeb, Gãgãgir. O Makor foi criado para se relacionar com os outros, os casamentos são com Makor, tomamos deles, dos Makor, as filhas como esposas e seus filhos são nossos cunhados. E assim se vive em harmonia com o genro que, por sua vez, faz yatir, embebeda seus visitantes. Os cunhados também fazem o mesmo, embebedando os visitantes. Meu pai me ensinou que se eu tenho irmã, já tenho esposa. Por isso sou obrigado a cuidar do meu cunhado, do futuro sogro, consultando-o sempre para os trabalhos do dia-a-dia. Por isso nossa vida era muito justa, porque não vivíamos de qualquer jeito, respeitávamos uns aos outros, não vivíamos como loucos. Bebíamos yatir, planejávamos nossa vida, planejávamos a construção de nossas casas, escolhíamos o lugar. Nos reuníamos para cortar pilão, realizávamos a festa de yatir. Essa era nossa vida. Assim vivíamos. Hoje não vivemos mais assim, porque todos os responsáveis por isso morreram. Eles me deixaram e mesmo que eu queira, não tem quem faça isso comigo. Não tem quem me ofereça yatir. Como todos morreram, só eu restei. Eles serviam meu pai. Assim era nossa vida, dependíamos da floresta porquê da floresta nascemos. Não nascemos na cidade como os yarah ey, nascemos aqui na floresta. A nossa cidade é toda esta floresta. Por isso que gostamos da floresta como o yarah gosta da cidade. Assim eu vivo, gosto da floresta e quero que meu filho também viva da floresta. Se eu destruir toda a mata, ele não vai ter onde morar, por isso defendo a floresta. Desejo morar na floresta, deste rio pescar e comer o peixe; desta floresta caçar para me alimentar. Alimentar-me do macaco-aranha, assim é nossa vida. É isso que tenho para contar. (Ipatara Suruí – Líder da Aldeia Central Linha 10, clã Kaban, 02 de agosto de 2017).

As ponderações descritas por Ipatara remetem a valores que perpassam os aspectos da materialidade, tratam-se de pertencimento identitário, de apego e respeito à terra, pois nela se realizam e presentificam as histórias com lutas, vitórias, derrotas, sonhos, perspectivas, de maneira que se contextualizam em conceitos como território e territorialidade, que tem sido objeto de discussões nesse século, particularmente, ao ser tratar de povos indígenas ou originários.

Aprender como ocorre essa organização a partir dos próprios indígenas se faz necessário, visto que o contato com a sociedade envolvente influi e propiciou mudanças na transmissão de sua cultura para as novas gerações, e com isso adquiriu-se novos significados e representações de mundo. O contato fez com que alguns rituais e valores, sobretudo, espirituais e culturais, fossem “esquecidos” ou não praticados.

Ao refletirmos sobre tais questões, encontramos em Almeida Silva (2010; 2015) que os “marcadores territoriais”, estão relacionados à construção mental, em que os seres humanos são obrigados a cumprir as tarefas de alimentação material e espiritual, na qual os signos, as formas, as representações simbólicas e as presentificações, tais como fenômenos constituem a base psíquico-espiritual de suas resistências e resiliências, em que não podem ser deixados de lado, como os mitos, os valores morais, em que se desenvolvem como cultura.

Concordamos com o descrito pelo autor, e compreendemos que para nós povos indígenas, a terra (território) é mais que um recurso natural e meio de subsistência. Ela representa a força, segurança para a vida do coletivo e está ligada nos valores e conhecimentos adquiridos desde as nossas ancestralidades. A terra não é de um ou dois

indivíduos, é um bem comum e coletivo de todo o povo originário. Como exemplo, a Terra Indígena Paiterey Karah ou Sete de Setembro não pertencente apenas a um Paiter, mas sim a todo o coletivo Paiter que ali habita.

Para indígenas, os elementos e fenômenos que se apresentam e ocorrem no espaço fazem parte de sua vida e são fundamentais na presentificação dos mitos, ritos e símbolos. Com isso, o território confere identidade para os que nele residem, e que atribuem identidade e pertencimento ao território.

Os coletivos indígenas de Rondônia buscam sua sobrevivência, o que se torna um imenso desafio, contudo, é uma situação que se assemelha ao de outros povos originários no Brasil, em decorrência dos processos e forças externas que pressionam cotidianamente os territórios com os mais distintos interesses. Muitas vezes, alguns dos membros desses coletivos se desvirtuam e passam a agir de modo a favorecer os não indígenas em detrimento de seus povos.

A busca pela solução por meio de debates sobre a demarcação do território, o impacto do colonizador na transmissão da cultura, são algumas das características que unem os coletivos originários entre si. O povo Paiter Suruí é um dos coletivos que compõem o mosaico indígena nos estados de Rondônia e Mato Grosso, conhecido como Corredor Etnoambiental Tupi Mondé. Consideramos que é necessário o reconhecimento das organizações indígenas como atores da construção territorial, por meio de diálogos das suas relações históricas dentro de sua área de convívio para que se consiga manter e resguardar os territórios e seus moradores.

### **Paiterey – Ancestralidade e Território**

Ao registrarmos sobre um povo ou um grupo é necessário procurarmos entender a sua origem e o seu modo de vida, principalmente a sua relação com o espaço onde vive. Destarte é possível transcrever uma informação mais real, fortalecida e acima de tudo transparente. As informações têm como fontes os relatos orais transmitidos por sucessivas gerações e que foram sistematizadas e sintetizadas para o presente estudo, portanto, tratam-se das vivências dos Paiterey sobre sua geografia e história como factualidade memorial e ancestral, conforme trataremos a seguir.

A palavra Paiter em Tupi Mondé significa “Gente de Verdade” ou “Nós Mesmo”. A descrição da gênese Paiterey e a organização de seu universo é explicado na narrativa mítica descrita por Suruí (2018, p.37-38):

Os primeiros seres foram criados pelo Palob, mas depois foram devorados pelas onças e acabaram extintos. Depois o Palob nos criou com os ossos das pessoas que foram comidos pelos mekoey<sup>7</sup>.

Esse novo povo deu origem aos três clãs: Gaggir, Gãmeb e Makor. Decorrido muitos anos foi que surgiu o clã Kaban, resultado de um casamento do Gãmeb com uma indígena Cinta Larga.

Palob viu que tudo estava silêncio e vazio, e pensou, preciso fazer alguma coisa para que o universo tenha sentido. O único jeito que ele pensou foi de criar outros seres para que habitem o Planeta. Para criar os seres precisava de ossos humanos e o único lugar que tinha era na aldeia das onças. Elas haviam comido as espécies humanas que habitavam antes de nós e guardavam suas ossadas.

Para ir até a aldeia das onças buscar ossada era preciso a ajuda de alguém hábil, veloz e esperto e que precisava agir estratégica e inteligentemente. Palob pensou em todos os tipos de animais, quem deles poderia fazer esse serviço para ele.

Nessa hora lembrou do Patxaub<sup>8</sup>, e o convidou para visitá-lo na sua aldeia. Patxaub aceitou o convite do Palob e foi até onde estava. Na entrada da aldeia começou a tocar sua flauta até chegar na entrada da maloca. Ao chegar lá o convidou para ele entrar. Começaram a se conversar e propôs se aceitava o pedido para ir até aldeia das onças para pegar ossadas humana para criar outras gerações de ser humano. Patxaub pensou por alguns segundos e só depois aceitou o desafio.

Após ele aceitar o desafio, Palob começou a orientar e montar estratégias antes de dar o pontapé inicial no serviço, mas sempre com pensamento positivo de dar certo mesmo. Foram alguns dias de preparo, como: passar ervas amargas e medicinais tradicionais no corpo para desqualificar a sua carne, de modo que dificultou para que as onças não o devorasse.

Totalmente concentrado e preparado conforme a orientação do Palob, lá se foi Patxaub para a aldeia das onças. Chegou lá numa boa e foi bem recepcionado pelas onças. Levaram ele para o centro de uma maloca muito grande já com ideia de dificultar sua fuga. Fizeram muitas perguntas sobre a visita surpresa, se podia comer carne dele. Patxaub com toda tranquilidade respondia. Depois de várias tentativas de atacar para comê-lo, viram que a sua carne realmente não prestava para comer e deixaram-no quieto, deitado na rede.

Inesperadamente Patxaub, saiu da rede, correu na direção dos ossos, arreventou e pegou uns punhados, correu para fora da maloca e sumiu na floresta. As onças tentaram correr atrás dele e não conseguiram de tanta velocidade que ele tinha. Começaram a chorar, xingaram ele e o amaldiçoaram.

Os ossos que tinha na aldeia das onças eram de vários povos: Gãmeb, Gaggir, Makor e os Yarah ey (não indígenas). Tinha também de outros povos e clãs que foram extintos. Como por exemplo: os Kalerey (borboleta) e Kasarey (arara), estes praticamente não existem mais hoje.

Patxaub trouxe os ossos e entregou ao Palob, que logo em seguida começou a tragar o tabaco e soprou fumaça no osso. Assim surgia um ser humano de cada vez. Palob fez um pouco de cada povo ou clã, junto com isso surgiu também o Paiterey que até hoje existem. Apesar de muitas dificuldades e desafios, como: doenças, guerras e conflitos com outros povos que foram dizimados aos poucos a sua numerosa população.

Na narrativa contextualizada sobre a temporalidade e territorialidade Paiterey nos conduz aos aportes teóricos e conceitos presentes na filosofia das formas simbólicas e fenomenologia do conhecimento defendida por Cassirer, e entendemos que essas possibilitam como um dos caminhos de construção científica que inter-relaciona aos etnoconhecimentos indígenas, de modo que não se nega nenhum desses ensinamentos (científico estruturado e etnoconhecimentos estruturantes).

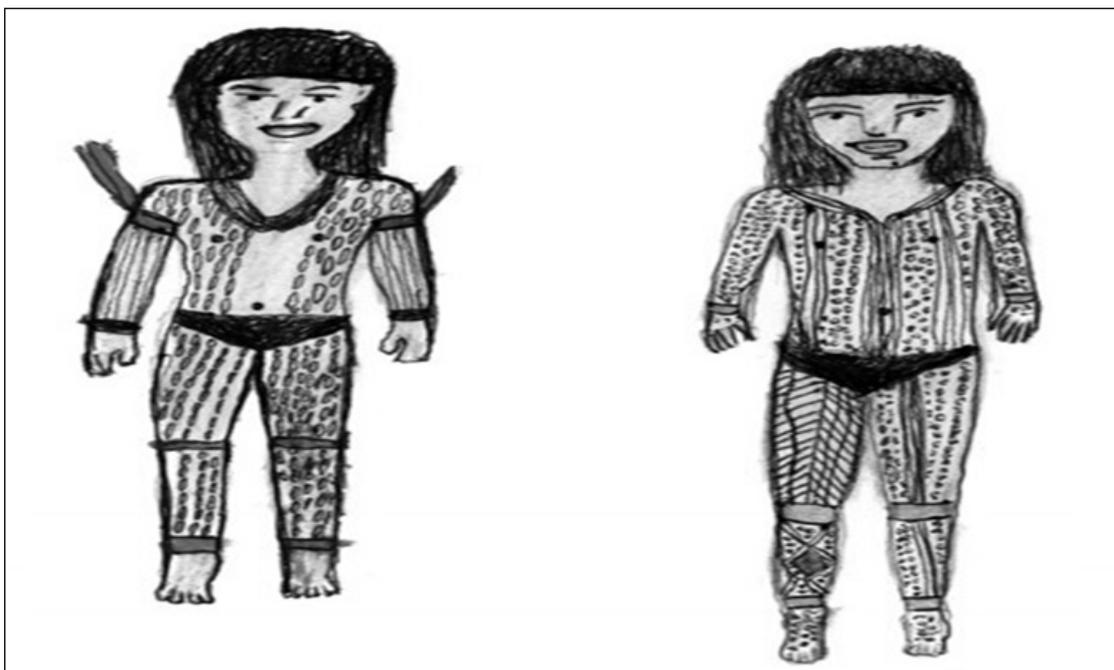
Deste ponto de vista, o mito, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos: não no sentido de que designam na forma de imagem, na alegoria indicadora e explicadora, um real existente, mas sim, no sentido de que cada uma delas gera e parteja seu próprio mundo significativo. Neste domínio, apresenta-se este autodesdobramento do espírito, em virtude do qual só existe uma ‘realidade’, um ser organizado e definido. Consequentemente, as formas simbólicas especiais não são imitações, e sim, órgãos dessa realidade, posto que, só por meio delas, o real pode converter-se visível para nós (CASSIRER, 1992, p.22).

Conforme os relatos orais Paiterey, ser gente de verdade é carregar consigo o dom de respeitar e amar tudo aquilo que lhe pertence ou tem vida semelhante ao seu e dado por Palob. Na cultura Paiter Suruí tudo que o Palob criou é sagrado e precisamos cuidar e preservar. Dizem que se não respeitarmos vem os espíritos da floresta e nos castigam e maltratam e não seremos vistos como bons Paiter ou gente verdade (Figura 1).

Para os Paiter quanto mais a pessoa praticar e desejar coisas boas para seu próximo, quanto a natureza lhe dará animais, rios e peixes; ela – a pessoa – é abençoada automaticamente pelo seu merecimento. Mas nem todos conseguem ter esse dom de andar no caminho de solidariedade e amor pelo próximo.

Muitas coisas que praticamos não convém o Palob como, por exemplo: destruir floresta, maltrato aos animais, discriminar, ter preconceito, vingar das pessoas. O mais grave de tudo isso é tirar a vida do seu próximo, se alguém comete esse tipo de infração na cultura Paiter não é considerado e nem visto como ser humano. Ser Paiter é sagrado, fomos criados pelo Palob com intuito de cumprir alguma missão aqui na terra. Temos que ser gente de verdade mesmo conforme diz a nossa autodenominação.

Os Paiterey sobrevivem da caça, da pesca, da coleta de produtos da floresta e da agricultura. Os homens são responsáveis por suas comunidades e sobrevivência familiar, por isso caçam, pescam, coletam frutas, castanhas, fazem roçadas para lavouras plantios e fazem fiscalização e vigilância do seu território contra os invasores. As mulheres também atuam no planejamento e gestão do território, participam com os maridos nas caçadas, pescarias, coletas de castanhas, frutas, lavouras, vigilância territorial e confecção de artesanatos.



**Figura 1.** Caricatura de homem e mulher Paiter. Arquivo pessoal de Ângela Pappiani, 2016.

Os Paiter Suruí se distinguem como etnia de outros povos indígenas, por sua cultura, a maneira como percebe e representa o mundo os caracterizam de modo *sui generis*. A sua cosmogonia compõe-se de valores ancestrais repassados a sucessivas gerações, suas indumentárias para os rituais, sua pintura, sua culinária, são fatores que influenciam para se firmar como um coletivo, como uma etnia que procura manter e valorizar os ensinamentos adquiridos dos seus antepassados.

Apesar das pressões que sofrem por parte dos não indígenas, que têm contribuído para diversas mudanças no coletivo, os Paiter ainda mantêm e lutam pela preservação e manutenção de muito de seus valores, tanto no que diz respeito à cultura material quanto aos aspectos cosmológicos e cosmogônicos, que se relacionam com a cultura de outros povos do tronco linguístico Tupi Mondé.

Assim, buscam compreender novos códigos e representações do presente e para isso tem elaborado estratégias, uma delas é a apropriação de tecnologias na produção de vídeos, documentários, construção de sites, blogs, dentre outros com o enfoque e divulgação de sua cultura, organização sociopolítica, bem como a capacitação e formação de recursos humanos nas mais variadas do conhecimento.

Para além das questões abordadas sobre a origem, a organização social e política, a cultural, o Universo dos Paiter Suruí é explicado a partir da internalização de representações simbólicas por meio da espiritualidade, da realização de ritualísticas-festivas, de modo que se tem a apreensão de mundo com suas materialidades e imaterialidades.

É oportuno considerar também que um povo que tem muitas histórias de vidas, de desafios por muitos anos, cujos resultados positivos e negativos marcaram a vida do coletivo, através das suas forças ancoradas na ancestralidade e espiritualidade sempre lutaram para garantir um futuro melhor e qualidade de vida das futuras gerações, merece elevado respeito e admiração como constatamos no relato de um dos seus líderes:

Buscamos estabelecer uma relação harmoniosa e saudável com todas as pessoas que nos cercam e nos preocupamos com o futuro, não só do nosso povo, mas de toda a humanidade. Estamos cientes de que a humanidade toda vive um momento muito grave, pela doença instalada no planeta em que vivemos. As consequências da forma irresponsável com que a humanidade tratou de explorar os recursos naturais da Terra estão causando e vão causar grandes danos para todos. Entendemos que todos precisamos agir e contribuir para um futuro possível, se quisermos que a vida continue existindo na superfície do nosso planeta. Para isto conclamamos a todos, autoridades, empresários, líderes globais, ONGs de todo mundo e pessoas comuns, a nos unirmos e refletirmos urgentemente sobre os problemas já instalados e os que estão por vir, e buscarmos um novo modelo de sociedade e de desenvolvimento, que privilegie a vida em todas as suas formas. É necessária a contribuição de todos. Os esforços das comunidades nacional e internacional necessitam verdadeiramente se unificar e agir mais rapidamente, pois a natureza não irá esperar as decisões humanas. Os conhecimentos científicos, as ações políticas, o compromisso dos poderes judiciários, a correta aplicação dos recursos públicos e corporativos e a atitude individual de cada pessoa, necessitam ser colocados a favor da vida e por isto conclamamos todos a uma reflexão conjunta, na esperança de que dias futuros ainda sejam possíveis para todos nós. (Almir Narayamoga Suruí, líder do povo Paiter Suruí, 2010).

A declaração do líder promove uma reflexão dos valores vivenciados em tempos pretéritos, pois há referências claras do trato com a natureza, bem como apresenta problemas sofridos pelos Paiterey no presente e preocupações com o futuro não apenas da Terra Indígena, mas de todo o Planeta Terra, uma vez que se trata da permanência da vida. Mediante a isso, os Paiter Suruí construíram e constroem sua história, sua geografia, seus valores culturais e espirituais, os quais são marcados por intensas experiências e lutas indispensáveis à sobrevivência humana e a salvaguarda territorial.

## **ESPIRITUALIDADE, RITUAIS E CULTURA PAITER**

Na nossa avaliação cada povo traz uma explicação do mundo, que julga ser a adequada em contraposição a dos outros, desse modo, não podemos ponderar na superioridade em valores espirituais ou religião dos indígenas como um todo, mas de apreensões distintas de entendimento de como se realizaram como ser. É preciso tomar alguns cuidados, para procurar compreendê-los melhor, e para estimular a pesquisa e a curiosidade sobre a imensa diversidade espiritual indígena em seus diversos modos de apreensões e manifestações que são intrínsecas a subjetividades e interpretações de vida.

A cultura, na qual se insere na espiritualidade, representa o modo de vida por meio não apenas da produção material, mas também e principalmente da produção imaterial como os valores, morais, ancestralidades e os significados expressos nos modos de vida e representação social e espacial de cada agrupamento humano. A análise dos Paiter é assim descrita:

Cada povo tem sua maneira de entender e compreender o mundo. Da mesma forma nós do povo indígena Paiter temos a nossa cultura. Pois é a nossa cultura que nos dá a nossa força e torna em nossa sabedoria para enfrentar os desafios do nosso dia-a-dia. Quando falamos em cultura, estamos refletindo muita coisa: saúde, educação, território, meio ambiente, alimento, música, pintura, chicha, artesanato e nossos rituais. Assim, dedicamos todas as nossas forças em nossos rituais, pois é nele que criamos coragem para lutar contra os males que nos cercam, é com fé em nosso ritual que curamos as enfermidades, é com nosso ritual que nos divertimos em noites de lua cheia onde as crianças cantam e brincam, ouvem histórias contadas pelos mais velhos, por tanto nós povos indígenas, apesar de tantas desgraças, tantos massacres estamos aí preservando a nossa cultura com a mesma fé em nosso pai Palob, por que ele se faz presente em todos os nossos rituais, seja na hora da alegria ou na hora da tristeza, seja na hora da saúde ou da doença ele está no meio de nós. (Gãlib Suruí. Entrevista: O jeito de ser Paiter – Aldeia Linha 10 Central. 07 de janeiro de 2018).

Este modo de se colocar no mundo tem as conexões descritas em Claval (2007, p.63) ao abordar a cultura como indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material, e permite a inserção desse à sociedade, pois proporciona a significação de sua existência e dos seres humanos que o cercam e formam a sociedade da qual se sente membro, ou seja,

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestaram (CLAVAL, 2007, p.63).

O povo Paiter Suruí de Rondônia conforme a sua cultura e herança ancestral também tem sua maneira de entender e compreender o seu mundo. Para eles nada foi feito por acaso ou mera coincidência no universo. Se existem seres de toda espécie no Planeta para sobrevivência é obra de alguém maior. Este ser para os Paiter chama-se Palob (nosso pai), o criador de todas as coisas.

Os Paiter têm sua referência em Palob, nele buscam força, coragem e sabedoria, com isso se caracterizam como um povo guerreiro que sempre lutaram pelos seus objetivos de uma maneira organizada e planejada, sem desrespeitar e humilhar outros seres que são obras prima do grande Criador.

A energia proveniente de Palob para os Paiter é para fortalecer o povo, proteger dos perigos, afastar os maus espirito das aldeias, trazer cura para o povo. É o caminho para que a paz reine a vida Paiter, assim facilita a sua luta no seu cotidiano. Isto faz com que sejam festivos e visto como grandes cantores. Por isso a música é uma ferramenta de autoestima para fortalecer na busca de energias positivas para as aldeias.

As músicas são cantadas no dia-a-dia por homens e mulheres na configuração de roda de conversa. Mas também acontece nas festas tradicionais, como Mapimaí, em que somente os homens cantam e as mulheres participam. Existem também as músicas do ritual de cura, e nela somente o pajé é quem faz essa cantoria comandada pelos espíritos da floresta, das águas e dos animais junto ao enfermo e seus familiares. Os cantares também são modos de expressarem suas alegrias, tristezas e assim viverem com sua fé e cultura perante à sociedade não indígena.

A cultura Paiter como todo é importante para sua vida, por isso sua valorização, preservação é fundamental para a garantia da sobrevivência nos dias atuais, principalmente na luta que passam num momento muito delicado, sobretudo na garantia de direitos à cultura e ao território. Diante desse desafio é necessário para os Paiterey e demais coletivos indígenas se organizarem para encarar essa dura realidade para garantirem e preservarem o seu território.

Os Paiterey ao longo de sua trajetória têm preocupado com o futuro do seu povo, para tanto, buscam meios e planos estratégicos para reverter situações perturbadoras ao seu modo de vida. Assim, procuram manter os valores culturais do seu povo, bem como recuperar aquelas que foram esquecidas em decorrência do efeito do contato na década de 1960. Nesse sentido as questões tratadas como prioritárias são a valorização, preservação do seu território e da sua cultura tradicional.

Destarte, a prática das festas e rituais para o povo Paiter não se acontece em qualquer lugar. Por isso tiveram que construir um espaço ideal e específico para a realização desses momentos de festas ritualística-tradicionais, rituais de cura e lugar para buscar a reflexão para manter o contato harmonioso com a natureza.

Com a perspectiva de garantir de fato a sua autonomia através dos seus valores, e entendimento do universo e por pensar nas futuras gerações, os Paiterey criaram em novembro de 2016 o Centro Cultural Paiter “Wagôh Pakob”<sup>9</sup> na Aldeia Paiter Linha 09, (Figura 2).



**Figura 2.** Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob. Foto: Gasodá Suruí, 2018.

O espaço está localizado aproximadamente um quilômetro da Aldeia Paiter; fica às margens do rio Guapó que é uma das principais afluentes das bacias hidrográficas dos rios Branco e Ribeirão na Terra Indígena Sete de Setembro. A Aldeia Paiter é uma das 27 existentes desse território, encontra-se no final da vicinal de mesmo nome, no km 45 pertencente ao município de Cacoal no interior do estado de Rondônia.

Outros empreendimentos com finalidades semelhantes deverão ser construídos nos próximos anos e dependem da decisão coletiva e organização de cada aldeia localizada no território Paiterey, uma vez que cada uma das comunidades das aldeias possui demandas e prioridades distintas, cujo princípio se ancora em suas autonomias, todavia, conta com o apoio das demais em seu sistema de governança territorial – isso se dá pelo pacto estabelecido por meio do etnozoneamento e mapeamento participativo das potencialidades das comunidades em decorrência dos estudos técnicos realizados e referendados pelo povo.

Ao nos referirmos sobre o Centro Cultural, este é uma iniciativa indígena Paiter que foi criada a partir da preocupação com as grandes perdas e desvalorização cultural que tem ocorrido com o povo devido às consequências e resultados do grave contato com a sociedade não indígena.

O Centro surge neste momento como um local de reflexão e busca de fortalecimento das práticas culturais para valorização e resgate da cultura Paiter, conforme descreve o Plano de Gestão do Território Sete de Setembro elaborado de modo participativo pelo povo. Sua relevância é considerada como de garantia nos valores que construíram ao longo da trajetória e como afirmação do que entendem como indispensável à cultura, conforme relata um dos anciões fundadores da Aldeia Paiter Linha 09:

O Centro Cultural Wagôh Pakob é muito importante para nós da Aldeia Paiter Linha 09. Porque hoje após o contato estamos preocupados com o futuro do nosso povo. Ainda mais vendo as novas gerações não valorizando a nossa cultura como antigamente, trocando pela cultura do homem branco. E isso não é bom para nós. Por isso criamos ele para ser um lugar de conversa, dialogo e reflexão entre nós para analisar que fazemos para fortalecer, valorizar e preservar a nossa cultura por muito tempo. (Nahêga Suruí. Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob – Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

A cultura é um patrimônio coletivo de um povo, pois é indispensável para sua sobrevivência e precisa ser repassado às futuras gerações, para que também tenham esse conhecimento para o fortalecimento da sua luta. Neste aspecto se consolida como um “arquivo” memorial, o qual permite acessar as informações que integram a vida do coletivo.

O Centro Cultural foi criado como ambiente de trocas de ideias, experiências, repasse de informações dos conhecimentos tradicionais dos mais velhos para os jovens afim de prepará-los a ser futuramente um guardião das memórias e da história dos Paiterey e seu território. Assim, o Centro objetiva o fortalecimento, a valorização e a preservação da cultura, além de ser um espaço de realização de intercâmbio entre homens, mulheres, jovens e crianças da Terra Indígena Sete de Setembro e demais povos originários e de parceiros que precisarem utilizar desse espaço de vivência, mediante o gerenciamento dos Paiterey.

Deste modo, o Centro tem ainda a finalidade de proporcionar a paz entre os povos da floresta, contribuir e fortalecer na formação política ambiental e cultural das novas gerações e ao mesmo tempo resgatar e adaptar os etnoconhecimentos e valorizar as práticas culturais associadas à conservação/preservação da natureza.

Desde a sua fundação o Centro Cultural conta com apoio da ONG Forest Trends - Iniciativa Comunidades – com sede em São Francisco na Califórnia no Estados Unidos, através do projeto financiado pela Fundação Ikea. Como parceiro conta com outras instituições ambientais, indigenista, como a Associação Kanindé, Associação das Guerreiras Indígenas de Rondônia – AGIR; governamental como a FUNAI e SESAI e o apoio de escolas e instituições de ensino superior da região.

Todas essas questões retratadas têm como princípio fundamental o respeito à cosmogonia Paiterey, a qual se manifesta pela realização de festas e rituais tradicionais/ ancestrais que contribuem para o fortalecimento da vida social do povo, bem como no que se refere ao sentido e sentimento de pertencimento identitário e territorial. Tais valores correspondem à ética e ao compromisso do povo Paiter Suruí como compartilham sua visão de mundo com base em valores, em que o principal é a perpetuação da vida.

## **PAITEREY KARAH – TERRITÓRIO ONDE VIVEM OS PAITEREY**

Em conformidade com os relatos dos Paiterey, no século XIX teriam partido da região de Cuiabá - até então sua terra natal – em direção ao estado de Rondônia. Nesse processo empreenderam fugas em decorrência da perseguição de não indígenas, o que propiciou em choques com outras etnias originárias e conseqüentemente batalhas; posteriormente com a colonização da nova fronteira econômica novos embates se sucederam e envolveram a ação de novos atores sociais.

Após o contato com a sociedade envolvente a partir do final dos anos 1960 as pressões se intensificaram com perda de parte do território, invasão de terras, ação ilegal de madeireiros, garimpeiros, dentre outros. As ações remetem não somente na pressão sobre o território e suas riquezas, mas também na ameaça de morte aos moradores da Paiterey Karah (Figura 3), cujo significado é Terra dos Paiterey na língua Tupi Mondé.

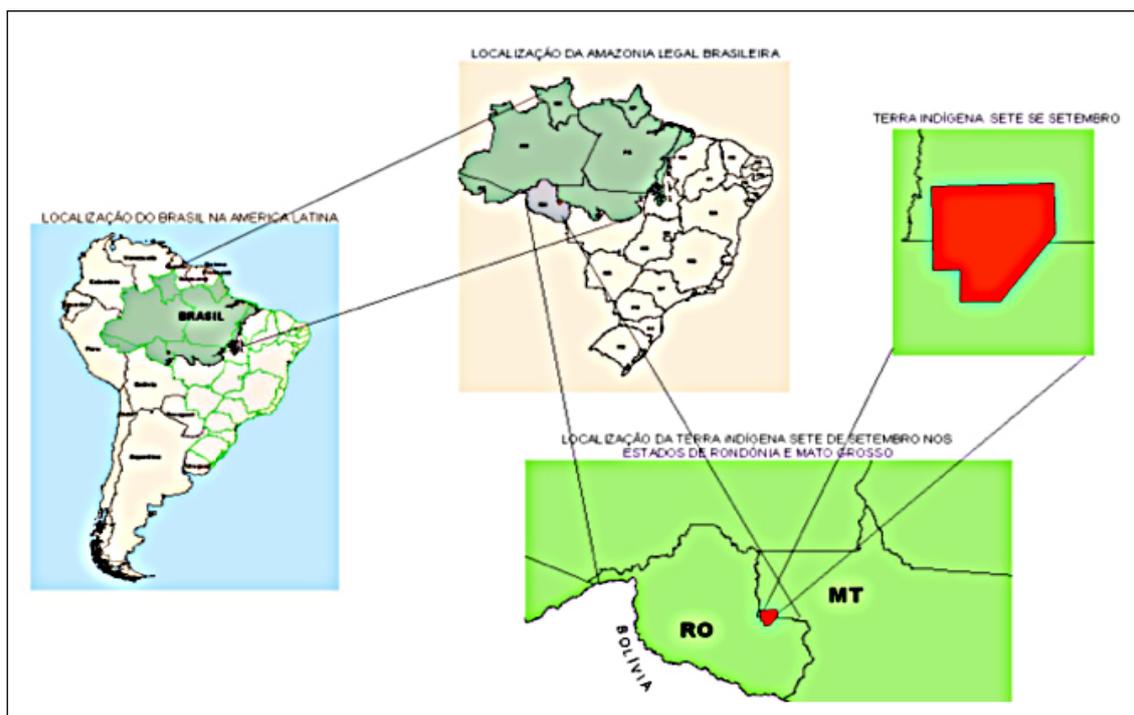


Figura 3. Terra Indígena Sete de Setembro. Fonte: ECAM, 2013.

O território é mais conhecido como Terra Indígena Sete de Setembro, pelo fato do povo Paiter Suruí ter o primeiro contato com os não indígenas no dia 7 de setembro de 1969. É nele que os Paiterey, habitam desde antes do contato, pois antes era um povo nômade, ou seja, não tinham o lugar fixo e permanente. Está localizado em uma região limítrofe entre dois estados: ao norte do município de Cacoal em Rondônia e Rondolândia no Mato Grosso.

O território possui uma área de 248 mil hectares no qual está localizada várias aldeias Paiterey, chega-se ao território a partir de Cacoal através das linhas 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15 e linha Pacarana, pelo fato das aldeias - que ao todo são 27 - estarem distribuídas ao longo dos seus limites, em razão de segurança e proteção territorial, quanto do aproveitamento de antigas sedes de fazendas deixadas por invasores que se estabeleceram dentro da área nas décadas de 1970 e 1980 (CARDOZO, 2013).

Não obstante o contato ter sido realizado em 1969, o território só foi reconhecido na década de 1980 depois de intensas lutas com os colonos que invadiram suas terras e ali estabeleciam cafezais e pastagens, em decorrência do incentivo estatal em sua política de ocupação da Amazônia. Esta política foi responsável pela atração para a região de milhares de imigrantes, principalmente do sul e sudeste, os quais invadiram terras indígenas, de modo a causar vários conflitos com mortes de ambos os lados.

Com a construção da BR 364, que liga a porção sul amazônica ao restante do país, ocorreram invasões grandes a esses territórios indígenas, e colocou em perigo a sobrevivência desses povos. O território de ocupação tradicional dos Paiterey, por exemplo, foi cortado por essa rodovia e como consequência uma imensa área de terras foi subtraída e passou a ser de ocupação de colonos provenientes de diversas regiões do país (ALMEIDA SILVA, 2012).

Várias dessas porções que foram perdidas para os colonos incluíam áreas de caça, de pesca, de extração da flora - bambuzais, tucumanzais, babaçuais, dentre outras, as quais eram utilizadas na construção de casas, artefatos (arco, flecha e artesanatos), conforme destacado por Suruí (2018).

No período conhecido como de integração da Amazônia, a partir da década de 1970, diversos programas federais foram implantados, especificamente para Rondônia, dois deles se destacaram na reconfiguração territorial, o Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (POLONOROESTE) e o Programa Agropecuário e Florestal do Estado de Rondônia (PLANAFLORO), ambos financiados pelo Banco Mundial, especialmente o primeiro que causou grande impacto sociais, econômicos, políticos e ambientais; garantiam subsídios para os agricultores migrantes, que por sua vez invadiam as Terras Indígenas e passaram a produzir nesses territórios, em detrimento dos indígenas. A falta de definição da política fundiária do Governo e as invasões resultaram em inúmeras e brutais disputas pela terra.

Apesar de reconhecer os direitos dos Paiter Suruí, o Governo Federal não reconhecia seu direito à terra, de modo que a demarcação da Terra Indígena Paiterey Karah só ocorreu em 1976, e a posse permanente dos Paiter Suruí sobre seu território apenas em 29 de setembro de 1983, por meio da Portaria 1561 de 29 de setembro de 1983 assinada pelo presidente da FUNAI Octavio Ferreira Lima. Assim recebeu o nome oficial de “Área Indígena Sete de Setembro”, com a assinatura do então presidente João Batista de Oliveira Figueiredo.

Na atualidade o território sofreu com intensas e constantes pressões, sobretudo, em relação à extração ilegal de madeiras, à mineração clandestina e à invasão por grileiros, além de ameaças físicas à etnia. Por outro lado, os Paiterey têm buscado parcerias regionais, nacionais e internacionais com vista a garantir a integridade do território, bem como desenvolvido uma série de projetos inovadores que possibilitem a sobrevivência da atual e futuras gerações.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS NÃO CONCLUSIVAS**

Com objetividade, tratamos como considerações finais não conclusivas, pelo fato que é impossível registrar dados de um povo que mesmo presente na sociedade envolvente carrega consigo ancestralidade e dados imemoriais, os quais em um ensaio – até mesmo por limitação de espaço não pode conter toda sua amplitude.

O que procuramos apresentar são pequenos recortes temporais e territoriais que dizem respeito à maneira como vivenciam, percebem e sentem o seu universo particular e a sociedade com a qual estabeleceram relações a partir do contato, que como os Paiterey afirmam não trouxe somente aspectos negativos, em virtude de passaram a compreender novos códigos, novos valores e novos significados. O uso das tecnologias, os projetos realizados e aqueles em execução são tidos como ferramentas necessárias à ampliação de outros conhecimentos, obtidos por meio de diálogos e parcerias, no entanto, sem abandonarem os seus e que permitiram construir sua trajetória e modo de vida.

O território e a territorialidade para os Paiter Suruí são compreendidos como acúmulo desses significados representativos, ainda que territorialmente estejam limitados em função da terra demarcada e que era muito ampla antes do contato com a sociedade não indígena. Destarte, tiveram que se reinventar e descobrir novas funções para seu território.

Neste aspecto é evidente que o território, a territorialidade, são parte de um conceito maior – para eles, a terra. É aí que se realizam como povo originário, pois vivenciam sua cultura material e imaterial, tiram seu sustento, concretizam seu modo de vida e seus valores intrínsecos, lançam perspectivas e acima de tudo se reconhecem. Este nível de compreensão e apreensão possibilitaram o reconhecimento e a visibilidade, de modo que os conhecimentos adquiridos contribuem significativamente para se fortalecerem e conquistar direitos, ainda que para tanto precisem empreender lutas constantes.

Por fim, o que sintetiza toda a análise contida no presente ensaio sobre os Paiterey é: “o que os une e torna-os forte espiritual, cultural e socialmente é o espírito de coletividade e de pertencimento identitário”, como condição para enfrentarem novos desafios.

## NOTAS

4 Corresponde ao criador ou Deus na cultura Paiter Suruí e de outros povos de origem Tupi Mondé

5 Ou Yarah ey, significa o não indígena ou pessoa que pertence à sociedade envolvente ou estrangeiro.

6 Bebida fermentada com baixo teor alcoólico, feita com ingrediente da agricultura ancestral/tradicional, que pode ser de milho, cará, mandioca ou outro tubérculo ou vegetal. Recebe outras denominações a depender das culturas indígenas ou originárias, tais como: chicha, caiçuma, cauim, dentre outros.

7 Mekôey – Plural de Mekôh – Onça

8 Patxaub - veado mateiro em Tupi Mondé, que buscou os ossos para Palob criar a humanidade.

9 A tradução para o português é “força da floresta”, pois representa a energia e o contato direto com a natureza, com o encontro da paz interior, de modo que sua construção encontrasse situada no interior da floresta e serve como espaço de convivência para os Paiterey, além disso recebe pessoas que são parceiras da causa indígena dos Paiter Suruí. Atualmente, tem ainda a função de ser um centro de treinamentos e local de encontros.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades e identidade do coletivo Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia: “Orevaki Are” (Reencontro) dos “Marcadores Territoriais”**. Tese (Doutorado em Geografia). Curitiba: UFPR/SCT/DG/PPGMDG, 2010.

ALMEIDA SILVA, A. de. A questão indígena em Rondônia e os projetos de desenvolvimento na Amazônia Ocidental. **Ciência Geográfica**, Bauru: AGB, v. 16, p. 8-14, 2012. Disponível em: [http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI\\_1/agb\\_xvi1\\_versao\\_internet/AGB\\_abr2012\\_02.pdf](http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXVI_1/agb_xvi1_versao_internet/AGB_abr2012_02.pdf). Acesso em: 28 fev 2019.

ALMEIDA SILVA, A. de. **Territorialidades, identidades e marcadores territoriais Kawahib da Terra Indígena Uru-Eu-Wau-Wau em Rondônia**. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

ALMEIDA SILVA, A. de et al. O ritual Mapimaí no processo de construção da territorialidade Paiter Suruí. **Confins** (Paris), v. 24, p. 1-18, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10218>. Acesso em: 28 fev 2019.

CARDOZO, I. B. **Iway e Metare a marca do território Paiter Suruí**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho: PPGG/UNIR, 2013.

CASSIRER, E. **Linguagem e mito**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CASSIRER, E. **Ensaio sobre o homem: introdução a uma filosofia da cultura humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: EdUFSC, 2007.

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Petrópolis: Vozes, 2012.

MINDLIN, B. **Nós Paiter: os Suruí de Rondônia**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SURUÍ, G. **Paiterey Karah: a terra onde os Paiterey se organizam e realizam a gestão coletiva do seu território**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Porto Velho: PPGG/UNIR, 2018. 98p.

### **Entrevistas com lideranças e anciões Paiterey**

SURUÍ, Almir Narayamoga. Trecho da fala. Precisamos todos agir e contribuir para um futuro possível, se quisermos que a vida continue existindo na superfície do nosso planeta - (Almir Narayamoga Suruí, líder do povo Paiter Suruí, 2010).

SURUÍ, Gãlib. **O jeito de ser Paiter**. (Entrevista). Aldeia Linha 10 Central. 07 de janeiro de 2018.

SURUÍ, Nahêga. **A importância do Centro Cultural Paiter Wagôh Pakob**. (Entrevista). Raimundo Nahêga Suruí. Aldeia Paiter Linha 09: 03 de agosto de 2017.

SURUÍ, Ipatara. **Porque o Mapimá é importante para a vida dos Paiter**. (Entrevista). Aldeia Central Linha 10: 02 de agosto de 2017.

SURUÍ, Ubajara. **A importância da organização social Paiter**. (Entrevista). Aldeia Paiter Linha 09. 10 agosto de 2017.

### **Sites Consultados:**

MINDLIN, B. Espiritualidade indígena. **Chakaruma: abya yala sem fronteiras**. 2014. Disponível em: <http://hernehunter.blogspot.com.br/2014/03/espiritualidade-indigena.html>. Acesso em: 10 ago. 2018.

WEBNODE. **Localização do centro cultural indígena Wagôh Pakob**. 2018. Disponível em: <https://centro-cultural-indigena-wagoh-pakob8.webnode.com/localizacao-do-centro-cultural-indigena-wagoh-pakob/>. Acesso em: 10 ago. 2018